



## **POLÍTICA DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO PERÍODO DA DITADURA MILITAR (1970-1985): IMPACTOS NO SERTÃO ALAGOANO**

Marinaide Lima de Queiroz Freitas<sup>1</sup>  
Jailson Costa da Silva<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Este artigo objetiva apresentar as narrativas memorialísticas dos sertanejos, partícipes das ações desenvolvidas pela política de alfabetização de jovens e adultos estabelecida pelo Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), no período de 1970 a 1985, por meio do Programa de Alfabetização Funcional (PAF). Os depoimentos dos sujeitos envolvidos foram colhidos através de entrevistas, por meio da abordagem qualitativa da História oral, com base nos postulados teóricos de Alberti (2008), Portelli (2010) e Bosi (1994). Privilegia, também, a fotografia como fonte: Cartier-Bresson (1971), Guran (2011) e Leite (1993). As análises realizadas apontaram a relevância dessa política na vida dos sertanejos, independentemente de terem ou não continuado os estudos, pois todos os sujeitos entrevistados reconheceram o referido programa como a única oportunidade de alfabetização.

**Palavras-chave:** História oral. Fotografia. MOBRAL. Alfabetização funcional. Sertão alagoano.

### **LITERACY POLICY OF YOUTH AND ADULTS IN THE PERIOD OF MILITARY DICTATORSHIP (1970-1985): IMPACTS IN SERTÃO ALAGOANO**

### **ABSTRACT**

This article aims to present the narratives of the memories of the sertanejos<sup>3</sup>, participants in the actions developed by the youth and adult literacy policy established by the Brazilian Literacy Movement, from 1970 to 1985, through the Financing Literacy Program. The speeches of the subjects involved were collected through interviews, and on the qualitative approach of oral history, based on the theoretical postulates of Alberti (2008), Portelli (2010) and Bosi (1994). We also privileged photography as a source of data collection (CARTIER-BRESSON, 1971; GURAN, 2011; LEITE, 1993). The analyses showed the relevance of this policy in the life of the sertanejos' life, regardless if they were continued or not their studies, since all subjects interviewed recognized the program as the only opportunity for literacy.

**Keywords:** Oral history. Photography. Brazilian Literacy Movement. Functional literacy.

### **POLÍTICA DE ALFABETIZACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS EN EL PERÍODO DE LA DICTADURA MILITAR (1970-1985): IMPACTOS EN EL SERTÓN ALAGOANO**

### **RESUMEN**

Este artículo tiene como objetivo presentar las narrativas memorialísticas de los sertanejos, partícipes de las acciones desarrolladas por la política de alfabetización de jóvenes y adultos y establecida por el

<sup>1</sup> Doutorado em Letras e Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Alagoas, Brasil (2002). Professora adjunta da Universidade Federal de Alagoas, Brasil. E-mail: <[naide12@hotmail.com](mailto:naide12@hotmail.com)>

<sup>2</sup> Professor substituto do Centro de Educação da Ufal. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Ufal. E-mail: <[jailsonsandes2009@bol.com.br](mailto:jailsonsandes2009@bol.com.br)>

<sup>3</sup>Subjects from Sertão, region of Brazil countryside.



Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), en el período de 1970 a 1985, a través del Programa de Alfabetización Funcional (PAF). Los testimonios de los sujetos involucrados fueron cosechados a través de entrevistas, por medio del abordaje cualitativo de la Historia oral, con base en los postulados teóricos de Alberti (2008), Portelli (2010) y Bosi (1994). Privilegia, también, la fotografía como fuente: Cartier-Bresson (1971), Guran (2011) y Leite (1993). Los análisis realizados apuntaron la relevancia de esa política en la vida de los sertanejos, independientemente de que hayan o no continuado los estudios, pues todos los sujetos entrevistados reconocieron el referido programa como la única oportunidad de alfabetización.

**Palabras clave:** Historia oral. Fotografía. MOBRAL. Alfabetización funcional. Sertón alagoano.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este texto parte de um estudo que tem conexão com o *Centro de Referência e Memória da Educação Popular e Educação de Jovens e Adultos (CReMEJA)*, e conta com o envolvimento de pesquisadores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que constituiu-se como política pública da então Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD/MEC), nos anos 2008-2010. Tal iniciativa estendeu-se a outras universidades brasileiras, a exemplo a Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Articula-se, também, com a rede de interlocução de pesquisadores da UFAL e UERJ, por meio do Programa CNPq/PROCAD/Casadinho (2012-1017).

Tem o objetivo de comentar a política de alfabetização de jovens<sup>4</sup> e adultos, na época da ditadura militar no Brasil (1970-1985), a partir da curiosidade de compreender a ação da referida política no Sertão de Alagoas, especificamente no município de Santana do Ipanema<sup>5</sup>, no que tange aos impactos/contribuições na formação dos sertanejos, que participaram do Programa de Alfabetização Funcional (PAF) realizado pelo Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). Ao nos referirmos ao Sertão de Alagoas, destacamos que é um entre os Sertões. Consideramos que o Sertão é, sobretudo, um espaço de pluralidade, pois, como enfatiza Albuquerque Jr. (2014, p. 41-42), “sabemos de antemão que

---

<sup>4</sup> Estamos chamando de política de alfabetização de *jovens* e adultos por entendermos que, naquele contexto, os jovens já estavam presentes no PAF. Pesquisas de Ribeiro *et al.* (1992) demonstram que a demanda do MOBRAL não era majoritariamente de adultos que não tiveram acesso à escola ou passaram muitos anos dela afastados.

<sup>5</sup> Situada na Mesorregião do Sertão Alagoano. De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), Santana do Ipanema conta com uma população de 44.932 habitantes, com área territorial de 437, 875 Km<sup>2</sup> e densidade demográfica de 102, 61 (hab./km<sup>2</sup>). Seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM) é de 0,591 em 2010, o que situa esse município na faixa de Desenvolvimento Humano Baixo (IDHM entre 0,500 e 0,599) (ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL).

o Sertão já não se diz no singular, que este recorte espacial, que essa identidade regional guarda em seu interior a diferença, a diversidade, a multiplicidade de realidades e, talvez, de representações”.

Para tanto, utiliza um *corpus* do Banco de Dados do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão sobre Alfabetização (NEPEAL) do Centro de Educação (CEDU) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), advindo de pesquisa realizada no período 2011-2012.

Considera a ausência de memória escrita no estado de Alagoas sobre a educação como todo e, especificamente, da EJA, realidade também percebida em pesquisas anteriores<sup>6</sup>. Portanto, buscamos na história oral, enquanto metodologia de pesquisa (ALBERTI, 2008; PORTELLI, 2010), apresentada nos depoimentos dos sujeitos à compreensão de contextos históricos, guardados nas lembranças dos que vivenciaram a política do PAF/MOBRAL.

Nesse sentido, a história oral permitiu a restituição do passado por meio da memória das narrativas dos sujeitos sertanejos e, com muito cuidado, consideramos o que Bosi (1994) alertou para a impossibilidade de *resgate* do passado, uma vez que só é possível revivê-lo a partir da lembrança, no âmbito da reconstrução. Essa lembrança tem como base as ideias e imagens do presente “[...] uma vez que é construída pela presença de materiais que estão, agora [...] à disposição, no conjunto de representações que povoam [a] consciência atual” (BOSI, 1994, p. 55).

Afirmamos que a reconstrução de fatos históricos, em relação ao PAF, no Sertão alagoano, consistiu: “[...] em realizar entrevistas gravadas com pessoas que [puderam] testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea (CPDOC)<sup>7</sup>”. Essas entrevistas foram do tipo *temática*, que se dedica “[...] prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido” (ALBERTI, 2008, p. 175). Nesse contexto, ganhou espaço a oralidade como instrumento capaz

---

<sup>6</sup> A história oral marca os estudos da Educação de Adultos (EDA) e de Jovens e Adultos (EJA) em Alagoas a partir de 2006, no âmbito do Centro de Educação (CEDU), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), quando da realização da pesquisa **A Educação de Jovens e Adultos em Alagoas: incursões na história das políticas – ações e concepções no âmbito governamental (1960 – 1980)**. Pesquisa esta realizada pelo Grupo de Pesquisa Teorias e Práticas sobre Educação de Jovens e Adultos, sob a coordenação e vice-coordenação das pesquisadoras do CEDU/UFAL, Tania Moura e Marinaide Freitas.

<sup>7</sup> Concepção da metodologia da História oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>>.

de estabelecer uma relação entre a *teoriaprática*<sup>8</sup>, recorrendo à teoria da história para compreensão dos conceitos de história e memória, e as formas como estas se relacionaram.

Na pesquisa, articulamos as fotografias que aparecem no decorrer deste texto, que são consideradas imagens narrativas atreladas a outras narrativas das fontes orais que compuseram o estudo. Utilizamos o conceito de narrativas a partir dos postulados teóricos de Benjamin (2012, p. 220), para quem, diferentemente da informação, que só tem valor enquanto é novidade, a narrativa “[...] não se esgota jamais. Conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de desdobramentos”.

É importante afirmar que o aparecimento das fotografias, no momento das entrevistas, ajudou a perceber a necessidade dessa interação entre as fontes visuais – fotografias – e as fontes orais – com os depoimentos memorialísticos dos sujeitos que participaram do fato histórico, no caso específico, as ações do PAF/MOBRAL.

A interação das fontes orais com outras fontes – as fotografias –, traz a composição de uma rede documental, e justifica que “[...] deve-se **ter em mente [...] outras fontes** – primárias e secundárias; orais, textuais, iconográficas etc. – sobre o assunto estudado” (ALBERTI, 2008, p. 187, grifos nossos). A possibilidade de confrontar fontes variadas contribuiu para o enriquecimento do estudo. Ainda, abriu a possibilidade de comparação das informações contidas nas fontes orais com as demais, inclusive no processo de rememoração, no decorrer da entrevista. Nesta pesquisa, as fotografias são tratadas como fontes que interagem com as narrativas orais, como veremos nestes escritos.

Este texto compõe-se de três partes. Na primeira, destacamos as fontes orais e visuais constituídas de narrativas que, interpretadas pelos pesquisadores, dentro de um contexto de horizontalidade, compõem novas histórias. Na segunda parte, ocupamo-nos em apresentar considerações sobre o PAF/MOBRAL. Por fim, ainda integrando a segunda parte, apresentamos os sertanejos<sup>9</sup> partícipes da pesquisa, destacando suas trajetórias e experiências. Comentamos as narrativas que, por nós interpretadas, compõem novas histórias

---

<sup>8</sup> Usamos os termos juntos para garantir a indissociabilidade existente entre eles.

<sup>9</sup> Optamos por apresentar apenas as vozes dos ex-alfabetizandos, pois consideramos as dimensões reduzidas de um artigo. Salientamos que outros interlocutores participaram da pesquisa por meio de entrevistas, a saber: uma ex-supervisora de área do Município de Santana do Ipanema, três ex-alfabetizadores e uma ex-voluntária.

a partir das fontes orais e visuais, que demonstraram os significados do PAF/MOBRAL no Sertão alagoano.

## **FONTES ORAIS E VISUAIS: ALGUNS ACHADOS**

Reconhecemos, no caminhar da pesquisa, que no processo de produção, as entrevistas não falaram por si, uma vez que o pesquisador assumiu um espaço importante no momento que as realizou, como agente responsável pela mediação do diálogo durante o trabalho de campo e no momento em que faz a análise. Para Portelli (2010, p. 20), “[...] o relato da história não é um fim em si mesmo. No que diz respeito ao entrevistador, visa à produção de um outro texto: uma fita, um vídeo, e, principalmente, um texto escrito, um livro”. A nossa produção passou pela análise, sobretudo, da narração evocada no momento de diálogo estabelecido durante a entrevista.

Concordamos com Alberti (2008, p. 155, grifos da autora), quando alertou que “a História oral permite o registro de testemunhos e o acesso a ‘histórias dentro da história’ e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado”. Ao seguir estes postulados teóricos, acreditamos que este estudo contribuirá para evitar, pelo menos em parte, que as memórias sobre a EJA em Alagoas caiam no esquecimento.

Os escritos de Cartier-Bresson (1971) ajudaram a traduzir o valor da fotografia no processo de reconstrução do passado, por meio da memória imagética que trouxe, em sua essência, fragmentos de um passado que pode ser revisitado a partir da imagem. Dessa forma, constatamos que, entre os meios de expressão existentes, a fotografia sobressaiu-se, uma vez que mostrou sua capacidade de fixar “[...] o instante preciso e transitório [...]” (CARTIER-BRESSON, 1971, p. 21). Porque se trata da retenção de momentos que não voltam a acontecer e que, por mais que fiquem gravados nas lembranças de quem os vivenciou, não são possíveis de ser revelados, porque as memórias dos protagonistas da história não são reveláveis em laboratórios fotográficos.

As fontes orais, ao interagir com as fontes visuais, registradas durante a atuação do PAF/MOBRAL em Alagoas, revelaram a intensidade do movimento na vida dos sertanejos. A fotografia funcionou como um instrumento de rememoração, pois, como destaca Guran (2011, p. 88),

Estimulados pelas fotografias, os informantes [foram] muito além do que [estava] representado na imagem, já que uma das características da fotografia é justamente esse poder de desencadear ideias recorrentes em um processo que tem tanto de sensível como de racional.

As conversas com as pessoas, por meio de entrevistas, possibilitaram o enriquecimento da investigação, e permitem observar de perto as questões subjetivas em seus testemunhos, na tentativa de maior compreensão do que foi posto acerca dos fatos vividos, registrados nas fotografias.

### CONSIDERAÇÕES SOBRE O PAF/MOBRAI

No âmbito da educação de adultos, o governo autoritário criou, em 1967, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAI)<sup>10</sup>, implementado apenas em 1970, com o Programa de Alfabetização Funcional (PAF), que perdurou até 1985<sup>11</sup>.

Havia forte motivação para tal, que em nada se aproximava das múltiplas experiências de educação popular desenvolvidas na década anterior, especialmente as freireanas, abortadas pela ditadura militar, exatamente porque assumiam um compromisso emancipador da população pobre e de classes populares, principalmente no Nordeste do país.

O projeto da ditadura militar passava pelo alargamento do avanço capitalista na constituição do país, pela industrialização. Por isso mesmo, necessitava de mão de obra qualificada — o que incluía maior escolarização e redução do analfabetismo entre a mão de obra industrial — para que atraísse multinacionais e conseguisse *retirar o Brasil do atraso histórico* a que estava submetido. Esse projeto passava, também, pela melhoria dos níveis de escolarização de jovens e adultos, historicamente interditados do direito à educação no país. O caminho primeiro, inegavelmente, era o de aprender a ler e escrever para que, deixando de

---

<sup>10</sup> O MOBRAI nasceu como Fundação amparada pela Lei n. 5.379 de 15 de dezembro de 1967 (BRASIL, 1973). Era originalmente financiado por recursos provenientes da Loteria Esportiva e da indicação de até 2% do Imposto de Renda devido por pessoas jurídicas. Em momento posterior, seus recursos limitam-se ao Imposto de Renda, nas mesmas regras anteriores.

<sup>11</sup> Em 1985, quando a chamada transição democrática iniciava, por eleição indireta, o retorno à democracia, a instituição MOBRAI foi extinta, e deu origem à Fundação Educar, que teve objetivos e finalidades redimensionados, estrutura e vinculação com o MEC, definição de propósitos e *modus operandi*, e passou a atuar em apoio e fomento às ações diretas executadas por municípios e estados.

ser analfabetos, homens e mulheres pudessem atender aos requisitos do capital e da mão de obra trabalhadora.

A alfabetização apresentava-se como possibilidade rápida e de curta duração, porque a ditadura tinha pressa de executar seu projeto de *Brasil grande*. Sua perspectiva era ancorada nos princípios de funcionalidade e aceleração, utilizando-se de “palavras que exprimem as necessidades e interesses básicos dos grupos e da comunidade (funcionalidade), o que garantindo a rapidez do processo de aprendizagem (aceleração)” (JANNUZZI, 1987, p. 60).

Instalado como um parassistema, ou seja, um sistema paralelo aos sistemas formais de ensino, arquitetou uma estrutura capilar estratégica e bem montada que alcançava todos os municípios brasileiros, por meio de comissões municipais, com a responsabilidade de executar localmente a política de educação de adultos. Envolvia, nessas comissões, não apenas o poder público, mas a sociedade, mobilizada pelo apelo à alfabetização e, em consequência, à possibilidade de aprender a ler e a escrever, vislumbrada por pessoas cuja história pessoal era de interdição à escola. O PAF/MOBRAL, para os seus idealizadores, representava mudança de rumo dos largos contingentes de não alfabetizados no país e, também, o sonho de muitas pessoas à alfabetização, viventes em localidades *esquecidas*.

O PAF/MOBRAL era um programa que assumiu, desde a nomeação *funcional*, a concepção de um modo de alfabetização, tinha a finalidade de utilizá-la para aplicação imediata no cotidiano. Isto deveria ser feito em prazos curtos para reverter rapidamente a condição da mão de obra trabalhadora, até então analfabeta, e requerida como minimamente alfabetizada. A concepção de *funcionalidade*, creditada à alfabetização, vinha de formulações e acordos internacionais da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) com os países, em estratégia política de reverter o quadro alarmante de analfabetismo no mundo; pela lógica do capital, demonstra a ambiguidade da atuação do organismo. Por essa lógica, trabalhadores alfabetizados eram mais *produtivos* e desperdiçavam menos recursos em todas as atividades desempenhadas.

Isto representou, no MOBRAL, o nascimento de um compromisso direto com a chamada *alfabetização para* (o trabalho, nesse caso), que não se inscrevia, como finalidade, na alfabetização como *direito* a um processo mais amplo de educação como formação humana. Entre nós, brasileiros, a alfabetização e a ida à escola não eram direitos



constitucionais, e faziam-se na infância apenas para alguns, na perspectiva denunciada por Anísio Teixeira, desde a década de 1930, como privilégio.

Contudo, à medida em que as primeiras ações do MOBRAL eram implantadas, a realidade demonstrava sua complexidade, e os interesses das pessoas demandavam outras ações que, em continuidade ou complementaridade, surgiram. Assim, o PAF foi precursor de outros programas, como o Programa de Educação Integrada (PEI); o Programa MOBRAL Cultural; o Programa de Profissionalização; o Programa de Educação Comunitária para a Saúde; o Programa Diversificado de Ação Comunitária; o Programa de Autodidatismo, além de outras ações que não aparecem na literatura, a exemplo da *tecnologia da escassez*<sup>12</sup>.

Para o governo repressor daquele momento histórico, a alfabetização de adultos fazia sentido, porque o desenvolvimento do país, com a entrada de multinacionais, exigia mão de obra capaz de dominar, no mínimo, técnicas básicas de leitura e escrita, para que pudessem se pôr em acordo com ditames internacionais quanto à redução do analfabetismo entre os trabalhadores, o que se resolvia com propostas curtas de alfabetização.

### **O PAF/MOBRAL NA COMUNIDADE SERTANEJA**

No início da década de 1970, assumiu o governo municipal de Santana do Ipanema um novo gestor<sup>13</sup>. Para Melo, F. e Melo, D. (1976), o período foi de dificuldades, uma vez que ocorreu uma grande seca, o que ocasionou uma terrível crise econômica e social em Santana do Ipanema. Como consequência, vieram a fome e a sede, com mais intensidade na população da zona rural, e doenças dizimaram rebanhos de gado *vacum*.

Segundo os mesmos autores, mesmo diante desse quadro provocado pela seca, o então prefeito conseguiu construir uma unidade de ensino primário, em convênio firmado com a Secretaria de Educação de Alagoas e, naquela década, apoiou a implantação, sobretudo, do PAF/MOBRAL para atendimento aos adultos no horário noturno. No campo educacional, os autores mencionam, com exaltação, três ações ocorridas no município de

---

<sup>12</sup> *Tecnologia da escassez* era um programa que recolhia o *modus operandi* das populações para resolver problemas cotidianos, fosse ao arquitetar artefatos tecnológicos, fosse ao construir soluções simples e eficientes de compostagem, de saneamento básico, de purificação da água, etc.

<sup>13</sup> Henaldo Bulhões Barros.



Santana do Ipanema, a partir da iniciativa do então prefeito Henaldo Bulhões Barros, na década de 1970. Foram elas:

Convênio com a Secretaria de Educação de Alagoas, e com verba federal do exercício de 1970, [para] construção [de uma] Unidade do Ensino Primário; apoiou o **MOBRAL em 1971**, através da rede escolar do município para alunos adultos em horário noturno; providenciou, e realizou o curso de aperfeiçoamento para as professoras no colégio Estadual local, dando hospitalidade aos mestres, supervisores e professoras vindas da capital do estado (MELO, F.; MELO, D., 1976, p. 72-73, grifo nosso).

Conforme a citação acima, oficialmente, a implantação de ações do MOBRAL, no município de Santana do Ipanema, foi demarcada em 1971, com a primeira coordenação do sertanista, considerado por todos da região muito dinâmico, professor Alberto N. Agra. Em 1972 ocorreu sob a direção do Padre Luiz Cirilo, e em 1973, pela inspetora do Ensino Primário, na cidade de Santana do Ipanema, Diva Alcântara (MELO, F.; MELO, D., 1976), como comumente se fazia por indicação política, e contava com a convivência da Igreja Católica.

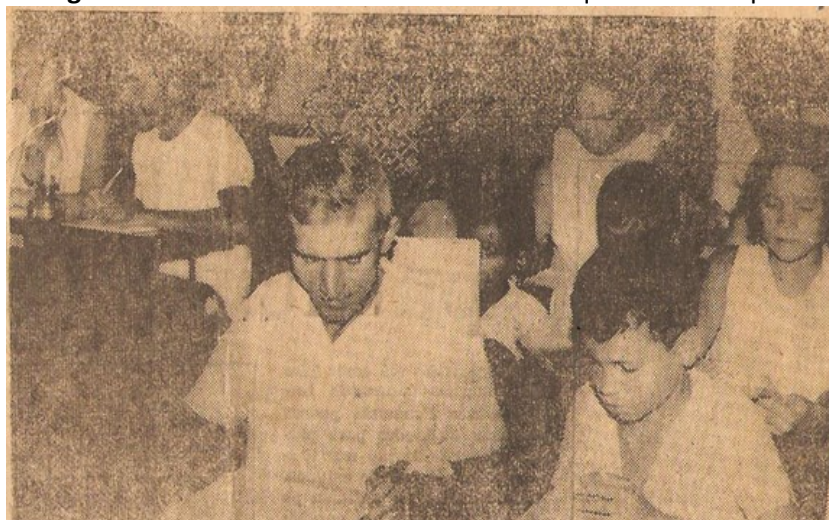
Na época, havia muitas implicações entre o rural e o urbano, tanto de ordem psicossocial e afetiva, como político-ideológica, uma vez que essa proposta de deslocamento, no nosso entendimento, deve ter contribuído para reduzir a autoestima. Também teria aumentado a sensação de impotência diante das dificuldades de deslocamento daqueles sertanejos da zona rural, que estavam sendo provocados a alfabetizar-se, o que nunca havia acontecido na região.

A iniciativa de implantar turmas de alfabetização nos sítios e fazendas, mesmo em situações precárias, foi muito importante para o atendimento de muitos trabalhadores rurais que, após a labuta diária, ainda encontravam forças para frequentar as aulas. Segundo um dos ex-alfabetizados, aconteciam em espaços, muitas vezes, como a casa de farinha iluminada à luz do

Candeeiro ou lampião, no dia que o gás do lampião secava tinha que ser no candeeiro, colocava o candeeiro perto do quadro aí a gente via as letras. Nós nunca estudou em escola, era nas casas, depois foi numa bodega que tinha uma sala grande. Era muito difícil, por isso que muita gente desistia (FERNANDO, 69 anos).

A fotografia a seguir traz narrativas sobre a utilização do candeeiro nas aulas do PAF/MOBRAL. O propósito da apresentação da fotografia vem do entendimento de que “nas imagens vão aparecer também os tantos sentidos daqueles que, com sua história, suas emoções e suas memórias, as veem ao ler o texto escrito” (ALVES, 2003, p. 67).

**Figura 1** — Alunos do MOBRAL literalmente queimando as pestanas<sup>14</sup>



**Foto:** Arlindo Tavares

**Fonte:** Blog do Etevaldo – História e Literatura.

A imagem permite apreciar uma turma de alfabetização do MOBRAL em Limoeiro, povoado do Município de Pão de Açúcar, Sertão de Alagoas no ano de 1972.

## OS SERTANEJOS PARTÍCIPES DA PESQUISA

Apresentamos os interlocutores<sup>15</sup> da pesquisa, destacamos alguns pontos de suas histórias de vida e enfatizamos, sinteticamente, peculiaridades que esses sujeitos narram sobre suas trajetórias e o envolvimento com o PAF/MOBRAL. Entendemos como Certeau

---

<sup>14</sup> Expressão utilizada na reportagem do jornal Gazeta de Alagoas, edição de 11 de junho de 1972. Disponível em: <http://blogdoetevaldo.blogspot.com.br/2011/>.

<sup>15</sup> No intuito de preservar o anonimato dos sujeitos envolvidos na investigação, utilizamos nomes fictícios para os ex-alfabetizados do PAF/MOBRAL.

(2011, p. 202, grifo do autor), que “[...] não existe, aliás, voz ‘pura’, porque ela é sempre determinada por um sistema (familiar, social etc.)”.

No processo de incursão no campo de investigação, tivemos a oportunidade de entrevistar cinco ex-alunos: duas mulheres e três homens. Todos, ao ingressarem no PAF/MOBRAAL, residiam na zona rural e eram jovens<sup>16</sup>. Nossa primeira entrevista, nesta categoria, foi com uma senhora de 62 anos, que apresentamos com o nome fictício de Josefa. Criada na zona rural, Dona Josefa e seus quatro irmãos não tiveram a oportunidade de estudar durante a infância, pois, segundo a depoente, seu pai não permitia que os filhos frequentassem uma pequena escola, situada próxima à comunidade onde moravam:

Papai toda vida foi uma pessoa carrasca, ele nunca deixou nós estudar. Desde criança, com nove anos de idade, eu comecei a trabalhar na roça. Ele tirou nós da escola porque, no Dia das Mães, teve uma festinha, aí quando ele chegou lá, que viu a sanfona tocando, aí ele disse: — ‘É assim, pois não vai ficar ninguém’. Carregou nós tudinho para casa. Pronto, desse dia pra cá ninguém foi mais pro colégio, que ele não deixou. Mas menino, mas naquele dia eu chorei, viu! (JOSEFA, 62 ANOS).

A interlocutora contou que, depois deste fato lamentável, a única oportunidade de estudar que lhe apareceu veio com o MOBRAAL, quando já havia casado e passou a morar na cidade, e acrescentou, com tristeza, que seus quatro irmãos, que continuaram morando no campo, não conseguiram se alfabetizar. Dona Josefa contou com orgulho a satisfação de ter dado continuidade aos estudos, apesar dos inúmeros sacrifícios enfrentados.

Nosso segundo entrevistado foi o senhor Juvenal, de 63 anos. Filho de agricultor, também teve sua infância marcada pelo trabalho árduo, sem a oportunidade de frequentar a escola. Ele contou que sua mãe ficou viúva, com dez filhos para criar, e todos tiveram que trabalhar para ajudar no sustento da família. Com o surgimento do MOBRAAL, Juvenal iniciou seu processo de alfabetização, porém não conseguiu dar continuidade aos estudos, por conta do cansaço físico, devido à longa jornada de trabalho enfrentada no dia a dia. Assim nos disse:

---

<sup>16</sup> Para Ribeiro *et al.*, (1992), a demanda do MOBRAAL não era majoritariamente de adultos que não tiveram acesso à escola ou passaram muitos anos dela afastados.

Olhe como era a vida: a gente trabalhava o dia todo e à noite ia pra escola. No dia que você tava trabalhando no alugado<sup>17</sup>, aí não ia pra escola, só ia pra escola no dia que trabalhava até meio dia. E nós tinha que trabalhar, porque mamãe era viúva, né? E ela ficou com dez filhos, aí nós era quem trabalhava no alugado pra se sustentar (JUVENAL, 63 anos).

Nota-se que a resistência do sertanejo também tem seus limites, pois a jornada de trabalho esgotava fisicamente os sujeitos, impossibilitando-os de frequentar a escola no período noturno. Segundo o entrevistado, todos os alunos da sua turma eram trabalhadores rurais e, por isso, muitos desistiram. Mas o depoente acrescenta: “Tinha aqueles mais teimosos”, referindo-se aos colegas que resistiram ao cansaço e conseguiram concluir o período de alfabetização, dando continuidade aos estudos através do Programa de Educação Integrada (PEI)<sup>18</sup>, como é o caso que segue.

O terceiro entrevistado também teve uma infância muito difícil, trabalhou na agricultura, nos sítios e fazendas próximos à sua comunidade. Contou: “[...] na época eu não tive o meu pai, meu pai faleceu muito novo, e eu não tive, assim, a oportunidade de estudo, por conta da pobreza da época” (FERNANDO, 69 anos). Movido por uma enorme força de vontade, Fernando foi um dos ex-alunos que conseguiu dar continuidade aos estudos. Tornou-se professor da Educação Básica e aposentou-se nesta profissão.

Na quarta entrevista, deparamo-nos com a Senhora Francisca, de 75 anos. Criada no campo, a exemplo dos demais interlocutores até então apresentados, a depoente conta que, enquanto morava com seus pais na zona rural, tinha uma vida confortável, porém seu pai não permitia que ela aprendesse a ler. A depoente afirmou: “[...] eu tinha vontade de aprender ao menos assinar o nome! Aí ele [o pai] dizia: ‘Pra quê moça estudar! [...] pra ficar escrevendo carta para [...] Bilhetinho pros namorados [...]’” (FRANCISCA, 75 anos).

A entrevistada ainda relatou que, quando passou a morar na cidade, surgiu a oportunidade de estudar, uma vez que, no ano de 1971, um grupo de pessoas passou nas casas convidando as pessoas idosas que tinham vontade de estudar para se matricularem no MOBREAL: “Aí, quando eu cheguei aqui em Santana, aí tive a oportunidade de estudar, as

---

<sup>17</sup> Ao utilizar o termo “trabalhar no alugado”, o depoente destaca a condição de muitos sertanejos que, por não terem posses das terras, trabalhavam no roçado dos grandes proprietários e recebiam valores ínfimos como diária de trabalho.

<sup>18</sup> O PEI tinha a duração de 12 meses, o que permitia aos seus alunos a conclusão do que denominamos atualmente na EJA de I Segmento.

moças andavam procurando pessoas assim, que não tinha estudo e que quisesse estudar pelo MOBRAL, e perguntaram se eu me interessava. Aí eu disse: me interesse, sim!” (FRANCISCA, 75 anos). Francisca conseguiu concluir o período de alfabetização do MOBRAL, porém, por enfrentar dificuldades financeiras, teve que trabalhar para pagar aluguel e sustentar sozinha sua família, e não conseguiu dar continuidade aos estudos.

A quinta e última entrevista foi concedida por um ex-aluno, ao qual demos o nome fictício de Marcelo. Filho de agricultor, a exemplo dos demais entrevistados, nosso interlocutor também passou por dificuldades durante a infância e adolescência. Ele disse que se alfabetizou pelo PAF/MOBRAL na comunidade onde morava à época, e que:

A turma era de adultos, mas tinha os mais jovens, era uma turma de excluídos, naquela época não se usava esse termo, mas era como se diz hoje, uma turma de excluídos, e eu era um dos mais jovens e tal [...] Apesar de assim ter muito traquejo [...] também eu era um dos mais jovens da época [...] Era uma sala multisseriada, né? Adultos, jovens [...], mas todo mundo assim, analfabeto, né? (MARCELO, 54 anos).

O entrevistado afirmou que iniciou o processo de alfabetização aos 16 anos, na comunidade rural onde morava, no ano de 1973. No ano seguinte, mudou-se para Belo Horizonte – MG, onde foi morar com familiares que priorizavam muito os estudos.

## **OS IMPACTOS DO PAF/MOBRAL**

Neste item, apresentamos os registros advindos das entrevistas realizadas com os ex-alunos que, nas suas falas, destacaram o significado do PAF/MOBRAL em suas vidas, entre eles a continuidade dos estudos. Entendemos impactos/contribuições como mudanças que ocorreram na vida dos ex-alfabetizandos, independentemente de terem ou não prosseguido nos estudos. Por continuidade dos estudos, compreendemos o percurso da alfabetização ao ensino superior, considerando repetidas saídas e entradas no sistema educacional.

Para um dos sujeitos, ex-aluno entrevistado, com a alfabetização realizada pelo MOBRAL, ele conseguiu “melhorar de vida” e “sair um pouco da ignorância”, por que,

Se não fosse o MOBRAL, eu não teria outra oportunidade, até porque na região que eu morava não se oferecia outra linha pra pessoa analfabeta na

minha idade. Não tinha outro lugar onde a gente estudasse, foi **uma bênção de Deus ter se criado o MOBRAL** (grifos nossos), para as pessoas de certa idade estudar. Se não fosse o MOBRAL, não teria como nem eu nem outras pessoas, se não fosse o MOBRAL, talvez eu hoje fosse analfabeto (FERNANDO, 69 anos).

Este depoimento mostra o valor da alfabetização, mesmo centrada na codificação e decodificação, que permitiu ao Sr. Fernando, à época, identificar palavras, grafar o nome, locomover-se em Santana do Ipanema. Isto traduziu-se em “sair da ignorância” e “melhorar de vida”, em um local desprovido de outra possibilidade de acesso à escolaridade, independentemente de faixa etária. Na fala que se segue, outro ex-alfabetizando destaca a relevância do Movimento para os sujeitos trabalhadores, ao tempo em que se culpa por não ter dado continuidade aos estudos:

O MOBRAL foi que abriu a mente mais um pouquinho do povo pra estudar; até pra quem não conhecia a escola, foi uma oportunidade pra quem trabalhava o dia todo, que tivesse coragem de ir estudar à noite. Eu não continuei não, mas aprendi muita coisa e o que eu aprendi foi graças a Deus primeiramente, e segundo, [a]o MOBRAL (JUVENAL, 63 anos).

Nesta narrativa, o PAF/MOBRAL aparece mais uma vez como primeira oportunidade de alfabetização. É recorrente o reconhecimento do valor do Movimento, como início de um futuro processo de escolarização, mesmo que os sujeitos não tenham continuado os estudos.

A fala do Sr. Juvenal é mais enfática em relação à oportunidade que teve em somente alfabetizar-se, do que à continuidade dos estudos. A valorização do MOBRAL decorre por ter permitido o primeiro contato com a escola. Isso instigou, também, a imaginar as expectativas frustradas, deste e dos demais sujeitos que vivenciaram essa realidade e não prosseguiram os estudos.

Em continuidade, outra entrevistada destaca: “Eu comecei a aprender mesmo no MOBRAL, a gente achava difícil no início, mas fui pegando uma experiência” (JOSEFA, 62 anos). Observamos, nesta declaração e na anterior, que a presença do MOBRAL foi um acontecimento marcante, uma vez que os interlocutores mantêm viva, em suas memórias, a importância da alfabetização, mesmo que o aprendizado se resumisse apenas a noções rudimentares de leitura, escrita e cálculo matemático.

Os relatos levam a entender que o fato de o sujeito aprender a assinar o nome era considerado, à época, como um impacto relevante em sua vida, pois os mobralenses deixavam literalmente de usar a impressão digital como assinatura em situações diversas, como no recebimento de dinheiro em estabelecimentos bancários.

Por isso, comentamos as narrativas dos interlocutores, e destacamos as possibilidades que o MOBREAL proporcionou aos ex-afabetizados do PAF que ingressaram no Programa de Educação Integrada (PEI), bem como os limites desses sujeitos para a não continuidade, e o que fez com que apenas alguns alunos prosseguissem nos estudos. Registramos, também, aqueles que, mesmo em curto período de tempo, não finalizaram o processo de alfabetização oferecido pelo Movimento. Vejamos o que se segue. O Sr. Fernando, de 69 anos, outro ex-aluno entrevistado, contou-nos: “Eu fiz também a educação integrada, foi minha 4ª série, e meu estudo foi assim. Eu nunca fui aluno de farda<sup>19</sup>, nunca tive essa oportunidade, fiz o MOBREAL, depois fiz a fase integrada que foi a 4ª série” (FERNANDO, 69 anos).

O Sr. Fernando também continuou os estudos na Educação Integrada, e chegou a professor do Ensino Fundamental. Isto foi resultado de muito esforço. Segundo o entrevistado, poucos colegas na região do Sertão tiveram a força de vontade para enfrentar as dificuldades, sobretudo os deslocamentos, tendo em vista o prosseguimento dos estudos. Afirmou, também, que entre os companheiros havia aqueles que não conseguiram entender qual era a importância dos estudos, e que suas ocupações não exigiam o uso frequente da leitura, escrita, cálculo ou outras questões mais complexas.

Registramos, ainda, a fala do Sr. Marcelo, sobre a continuidade de estudos, advinda de um processo de interação com familiares que valorizavam significativamente os estudos. Seu deslocamento do Sertão alagoano para a cidade de Belo Horizonte foi decisivo para matricular-se no PEI, em 1974, e a oportunidade de concluir a escolarização desejada. Contou com muito entusiasmo:

Eu fiz tudo que o povo diz que é **ruim**, na educação, eu fiz o MOBREAL, eu fiz o Supletivo [...]. Eu participei do ensino **regular** de forma paralela, porque depois eu fiz o curso técnico de contabilidade, né? Fiz licenciatura em história

---

<sup>19</sup> “Nunca fui aluno de farda” significa, no dizer do depoente, que ele não teve a oportunidade de frequentar o ensino dito regular, e que a realização de seus estudos deu-se por meio dos programas do MOBREAL, com passagem pelo Ginásio, e depois pelo Projeto HAPRONT, quando habilitou-se como professor.



e fez o curso de direito, assim, do ponto de vista **regular** (grifos nossos). Mas se analisar o fator de tudo isso aí, decorreu justamente do MOBRAL, do Supletivo (MARCELO, 54 anos).

Acrescentou, com muita satisfação, que retornou à sua terra de origem após aprovação em concurso público. O sucesso da sua vida, ele atribui, como os demais, ao MOBRAL (PAF/PEI) e ao Supletivo, considerados, no contexto educacional, como **ruins**, na perspectiva daqueles que só valorizam o ensino dito regular.

Ao analisarmos as circunstâncias nas quais essas pessoas se encontravam, conseguimos entender que a aprendizagem proporcionada pelo Movimento atendeu aos anseios de muitos sertanejos, que tinham naquele Movimento a única oportunidade de aprender as primeiras letras, o que os levou a afirmar que o *MOBRAL foi um ponto positivo*.

A fotografia a seguir, datada de 17 de junho de 1971, registra o momento da primeira formatura dos mobralenses do município de Santana do Ipanema, considerados alfabetizados, no conceito da época, bem restrito, em que, para ser considerado alfabetizado, exigia-se apenas ter rudimentos de leitura, escrita e cálculo, além de ter aprendido a *desenhar* o próprio nome. Nela está registrado o evento, que se constitui singular e aconteceu no salão paroquial, com a presença de autoridades religiosas e civis, entre as quais se destacavam o Padre Luiz Cirilo, os gestores municipais, a Comissão do Movimento naquele município, bem como os alfabetizadores e os alunos.

**Figura 2** — Formatura do PAF/MOBRAL em Santana do Ipanema – Evento realizado no Salão Paroquial da Matriz de Senhora Santana, em 17 de junho de 1971



Fonte: Arquivo pessoal de Alice Silva Farias.

Entendemos as fotografias enquanto disparadoras de outras narrativas, que vão além das narrativas orais, e destacamos, sobretudo, o que dizem as imagens pelos seus elementos constitutivos em termos de iconografia. Para isso, Leite (1993, p. 149) afirma ser necessário o aguçamento da sociabilidade para a percepção das narrativas contidas nas fotografias, uma vez que “não se procura na fotografia apenas o que comprove as análises históricas verbalizadas, mas sim informações, dimensões e relações que as verbalizações não têm condições de proporcionar”. Nesta imagem percebe-se a importância predominante dos membros da Comissão Municipal do Movimento e demais autoridades presentes à solenidade, que ficam em destaque, em um plano superior, enquanto os alunos aparecem em segundo plano.

Ao discorrer sobre a análise da fotografia enquanto documento histórico, a pesquisadora Miriam Moreira Leite (1993) esclarece que essa reconstrução exige o extrapolar do espaço definido pela câmera, e requer uma análise mais profunda e subjetiva do leitor. “Após a identificação do conteúdo da fotografia é preciso deduzir o que não se vê, em torno daquilo que se está vendo” (LEITE, 1993, p. 44). Nesta pesquisa, muito do que não se vê nas imagens foi identificado com o apoio das narrativas orais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao usarmos a metodologia da história oral como aliada, foi possível apontar as lições acerca dos impactos/contribuições das ações do PAF/MOBRAL no Sertão alagoano, que poderiam ser esquecidas ou relegadas ao passado. As fontes orais, ao interagir com as fontes visuais, tiveram papéis fundamentais na desconstrução de ideias prontas e acabadas sobre determinados conhecimentos que a história oficial conta. Revelaram a complexidade da pesquisa e da escuta de pesquisadores, que se lançaram a novas aventuras em busca da reconstrução da história, exercitando a recomendação de Benjamin: a contrapelo.

As vozes dos sertanejos trouxeram novas reflexões sobre o PAF/MOBRAL, permitindo a composição de novas histórias, sobretudo em relação ao lugar, o Sertão alagoano, de onde falaram esses sujeitos. De forma surpreendente, os interlocutores, partícipes das ações do PAF/MOBRAL no Sertão alagoano, aprovaram as ações de

alfabetização de um Movimento criado pela Ditadura Militar, no período de 1970-1985, o que remete à necessidade de olhar a história para além das generalizações.

No que se refere aos impactos das ações alfabetizadoras do MOBRAL, na perspectiva dos ex-alunos, a pesquisa evidenciou forte aprovação do Movimento, uma vez que este se apresentava como a primeira oportunidade de acesso ao ensino para os sujeitos sertanejos entrevistados que, à época, residiam na zona rural do município em estudo. Este fato dificultava ainda mais a apropriação de ações governamentais, de maior concentração na cidade sede do município. É importante destacar que, mesmo aqueles ex-alunos que não tentaram a continuidade dos estudos, bem como outros que lutaram, exaustivamente, para permanecer estudando e desistiram, reconhecem o Movimento como algo singular em suas vidas, e se culpam por não dar continuidade aos estudos. Assim, afirmaram que o pouco que sabem é fruto da alfabetização do MOBRAL, que os ajudou a ler e a escrever as primeiras letras.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla B. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 155-202.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. Distante e/ou do instante: “sertões contemporâneos”, as antinomias de um enunciado. In: FREIRE, Alberto (Org.). **Culturas dos sertões**. Salvador: EDUFBA, 2014.

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 62-74, maio/ago. 2003.

AMORIM, Etevaldo Alves. **História e Literatura**. [Blog Internet]. Disponível em: <http://blogdoetevaldo.blogspot.com.br/2011/> Acesso em: 28 mar. 2016.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. Rio de Janeiro, PNUD, IPEA, Fundação João Pinheiro. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/> Acesso em: 04 mar. 2017.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da escrita. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012 – (obras Escolhidas v.1).

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Movimento Brasileiro de Alfabetização. **Documento Básico MOBRAL**. Rio de Janeiro, 1973.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Contagem Populacional**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/santana-do-ipanema/panorama> Acesso em: 18 jan. 2017.

CARTIER-BRESSON, Henri. "O momento decisivo". In: **Fotografia e Jornalismo**. Bacellar, Mário Clark (Org.). São Paulo, Escola de Comunicações e Artes (USP), 1971, pp. 19-26.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1 Artes de fazer**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GURAN, Milton. Considerações sobre a constituição e a utilização de um corpus fotográfico na pesquisa antropológica. **Discursos fotográficos**, Londrina, v.7, n.10, p.77-106, jan./jun. 2011.

JANNUZZI, Gilberta Martino. **Confronto pedagógico: Paulo Freire e MOBRAL**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1987.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família**. São Paulo: Edusp, 1993.

MELO, Floro de Araújo; MELO, Darci de Araújo. **Santana do Ipanema conta a sua história**. Rio de Janeiro: Borsoi, 1976.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

RIBEIRO, Vera Maria Masagão *et al.* **Metodologia da alfabetização: pesquisas em educação de jovens e adultos**. Campinas: CEDI, 1992.

**RECEBIDO EM 30 DE JULHO DE 2017.**

**APROVADO EM 16 DE NOVEMBRO DE 2017.**